

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO-WILLIAM A. WELLMAN
26 e 29 de dezembro de 2025

This Man's Navy / 1945

Um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman / *Argumento:* história e argumento de Borden Chase, a partir de ideia de Herman E. Halland / *Direção de fotografia:* Sidney Wagner / *Direção de Arte:* Howard Campbell, Cedric Gibbons / *Guarda-roupa:* Kay Dean, Irene / *Música:* Nathaniel Shilkret / *Montagem:* Cotton Warburton / *Interpretação:* Wallace Beery (Ned Trumpet), Tom Drake (Jess Weaver), James Gleason (Jimmy Shannon), Jan Clayton (Cathey Cortland), Selena Royle (Maude Weaver), Noah Beery (Joe Hodum), Henry O'Neill (comandante tenente Roger Graystone), Steve Brodie (Timothy Joseph Aloysius «Tim» Shannon), George Chandler (Bert Bland), Donald Curtis (oficial de operações), Arthur Walsh (cadete Rayshek), Will Fowler (David), Frank Fenton (capitão Grant), Paul Cavanagh (Sir Anthony Tivall), Dick Crockett (Sparks).

Produtor: Samuel Marx / *Produtora:* Metro-Goldwyn-Mayer / *Cópia:* 16mm, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia em Portugal:* Cineteatro Capitólio em Lisboa, a 29 de abril de 1947 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Nota: Haverá uns segundos de ecrã a negro que decorre da passagem entre rolos de bobines de 16mm. A cópia apresenta as características próprias do formato.

A crítica do *New York Times* a **This Man's Navy**, que podemos imaginar escrita por Bosley Crowther embora não esteja assinada, remete para alguns detalhes do filme, e para alguns detalhes sobre a sua estrela, Wallace Beery, que invocam elementos-chave. Por um lado, é destacada a ideia do público da altura estar bem familiarizado com a estreia amiúde de filmes-veículos encabeçados por Beery (estrela do estúdio Metro-Goldwyn-Mayer, ganhou um Óscar para Melhor Ator em 1931, quando protagonizou **The Champ**) e estes serem tão sazonais como a chuva. Possuindo talento (e cara) para comédias, para vilões e para dramas históricos, quando chega a **This Man's Navy** é já um «veterano da maioria dos ramos das forças armadas» através dos seus papéis no cinema. Neste filme, Beery é um piloto de dirigíveis arrojado, mas é sobretudo notado pela sua aptidão para contar histórias excessivamente fantasiosas – o colega e amigo Jimmy Shannon aguenta estas tendências gabarolas com a esperança de o apanhar em falso. Por outro lado, o texto do jornal americano salienta a faceta de clássico filme-de-aventuras que se distingue pela temática contemporânea, ao debruçar-se sobre o importante, embora pouco explorado, serviço da marinha utilizando dirigíveis, essas aeronaves mais leves que o ar (entretanto caídas em desuso) e que patrulhavam o mar em busca de submarinos. Temos, assim, um filme que se relaciona com o tema que mais captura a imaginação de William A. Wellman, a aviação. Antes de enveredar pelos caminhos de Hollywood, Wellman foi como piloto voluntário americano para a França, parte da Lafayette Flying Corps antes da entrada dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, «Lançou-se aos filmes com a garra e a teimosia que tinha, nunca esqueceu os aviões», escreve Maria João Madeira. Aqui, apesar de se centrar nos esforços de guerra da Marinha, o foco não são

manobras marítimas e o interesse do realizador está firmemente concentrado em tudo o que se passa no ar.

Porém, voltemos às histórias excessivamente fantasiosas do Ned Trumpet de Beery, pois esse é o engenho que põe a trama em movimento. Esta gira em torno de uma aparentemente inofensiva mentira que Trumpet conta quando Shannon lhe apresenta o seu filho Tim: que tem também um filho e que, ele sim, tem o perfil certo para piloto da marinha. Em vez de confessar a invenção, leva a fabulação até às últimas consequências e torna-a uma quase realidade. Quando conhece Jess Weaver assume, pelo entusiasmo e ar sadio do jovem, que este seria o filho ideal e decide «adotá-lo»: o rapaz precisa de uma figura paterna e ele pode ajudá-lo a alcançar os seus sonhos. Um desses sonhos é voar, mas Jess teve um acidente que o deixou sem o comando total das suas pernas. A presença de Trumpet na sua vida permite-lhe fazer uma operação que lhe restitui a plena saúde, mas é também o catalisador para ambos – «pai» e «filho» – construírem uma verdadeira relação entre os dois, formando-se um genuíno laço que não deixa de estar repleto das tensões que figurariam entre patriarca e prole.

Apesar do filme não exhibir o entusiasmo expectável de Wellman pelo assunto em mãos – ainda que com momentos de tirar o fôlego, como as cenas de ação nos dirigíveis –, o realizador deixa a sua marca com algumas cenas particularmente inspiradas. A primeira é o *gag* maravilhoso do paraquedas, em que, tentando ensinar um jovem recruta a ser melhor *boxeur*, Trumpet é atirado balão de ar quente fora com um soco inadvertidamente bem dado pelo inábil rapaz. Mas não chega a estar realmente em perigo, e o seu paraquedas leva-o até ao sítio onde conhecerá os Weavers. A segunda destas cenas vem na sequência da introdução do interesse amoroso de Jess Weaver, um apaixonado por ruivas, por Cathey. A jovem visita Jess com reservas e cheia de incertezas sobre qual o seu papel ali depois de Trumpet a convencer a conhecer o «filho». Jess e Cathey ficam sozinhos e este encanta-a enquanto lhe vai mostrando o cuidado dos seus gestos na sua horta. Wellman filma o desenrolar da ternura que cada um começa a sentir pelo outro num movimento fluido e pleno de emoção. A rapariga que chega incerta sai de cena apaixonada e o resto do filme mantém essa devoção evidente. Esta cena horticultural é também uma exibição do charme de Weaver. A maneira como este desperta o amor na jovem demonstra como é o seu carácter que conta. É igualmente importante que Cathey o conheça antes da operação que o liberta da condição da sua perna. Quando ela diz que se esqueceu completamente disso depois do primeiro encontro («I forgot all about his leg...»), diz no retorno de carro, sonhadora) é sintomático de algo puro que se forma entre os dois, mas também da integridade da personagem. Mais tarde, quando os vemos a namorar à lareira (Wellman coloca a câmara a olhar para as suas nucas, ficando o espectador muito consciente da sua posição enquanto *voyeur* de algo íntimo) é outra cena que sublinha a integridade de ambos: ele a desejar afastar-se da figura paterna para provar o seu valor sem interferência; ela a insistir que ele seja honesto na forma como partirá com Trumpet, a quem tanto deve. A última cena a relevar é o clímax do filme em Burma, num momento de ação que Wellman filma sempre com rasgo, sendo que, neste caso, compõe belíssimos quadros em movimento com o dirigível de Trumpet a desaparecer e a reaparecer por entre as nuvens, numa dança aérea que traz palpitações. No final, é o coração feliz de Cathey que recebe os reconciliados pai e filho – agora sem aspas, porque o laço forjado tornou a mentira inicial numa realidade derradeira.

Ana Cabral Martins